



Aspectos da condição feminina no antigo Egito

Thamis Malena Marciano Caria¹

RESUMO:

O presente artigo visa analisar alguns aspectos da condição feminina do Antigo Egito, frente ao amor e ao casamento, buscando compreender as relações sociais e o imaginário social desta sociedade complexa. Por meio da análise dos poemas de amor, textos e da iconografia do Reino Novo (sobretudo no período Amarniano) é possível identificar práticas socio-culturais, o significado do amor no matrimônio e a liberdade de escolha do parceiro. Contudo, observamos que dentro das práticas amorosas estão inseridas as práticas mágicas que fornecem para este estudo exemplos significativos sobre a conquista amorosa e o ideal da mulher nesta sociedade.

Palavras-Chave: Mulher, Antigo Egito, casamento,

ABSTRACT:

This article aims to analyze some aspects of womanhood of Ancient Egypt, against love and marriage, trying to understand the social relations and the social imaginary of this complex society. Through the analysis of love poems, texts and iconography of the New Kingdom (especially in the Amarnian period), it is possible to identify socio-cultural practices, the meaning of love in marriage and the freedom of choice of partner. However, we observed that within the amorous practices are embedded magical practices that provide for this study significant examples of the amorous conquest and the ideal woman in this society.

Keywords: Woman, Ancient Egypt, Marriage

¹ Especialista em História Antiga e Medieval (UERJ/NEA/PPGH) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar (UFF/ESR) <http://www.nehmaat.uff.br>, Especializando em Arte e Cultura pelo IUPERJ/UCAM.



A CONDIÇÃO FEMININA

A importância da posição social das mulheres pode ser interpretada no título dado a elas no período do reino Médio: Senhora da casa (nebt-per), o que podemos inferir como aquela que possui o poder de controlar todas as decisões familiares e domésticas. Analisando os poemas líricos, conhecidos como *poemas de amor* durante o período do reino Novo, é possível verificarmos a hierarquia familiar, pois os enamorados deveriam solicitar a mãe da jovem a permissão para selar o compromisso e não ao pai, deste modo destacamos o poder exercido pela mãe. Outro caso que ressalta a condição hierárquica das mulheres é o “fato dos egípcios atribuírem normalmente para serem identificados o nome de sua mãe em lugar do pai”. (BAKOS, 2001, p. 46). As instruções de Any, nos apontam a valorização do papel da mulher na sociedade egípcia, este documento é destinado aos ensinamentos do pai para com seu filho, sobre como tratar a esposa, como evitar as mulheres desconhecidas, respeitar e reconhecer os sacrifícios da mãe perante a criação dos filhos.

A posição sócio-cultural feminina destacava-se pela liberdade comparada a outras sociedades, pois as mulheres podiam possuir e administrar seus bens e, além disso, queixar-se sob maus tratos cometidos pelo marido, podendo até solicitar o divórcio sem a permissão dos pais ou de seu companheiro. Segundo Margaret Bakos “as mulheres eram tratadas como os homens em todas as instâncias da vida social. Elas andavam livremente pelas ruas, sem véus na cabeça ou no rosto, porém Havia, certamente, alguns setores, nas casas reservados ou considerados especiais para as mulheres. Entretanto elas nunca estiveram confinadas neles”. (BAKOS, 2001, p. 43). De acordo com Julio Gralha, de um modo geral, é possível percebemos que na iconografia o homem é colocado numa posição de destaque em relação a mulher, estando a frente seja na posição em pé ou sentado, sendo também o proprietário da tumba. (GRALHA, 2006, p. 64). Na XIX dinastia (1307- 1196 a.C.) o processo de mumificação para as mulheres era igual aos dos homens, as tumbas eram compartilhadas com seus maridos ou pais, pois não existiam fora da família real tumbas exclusivamente feminina (OLIVEIRA, 2005, p. 65).



O modelo de comportamento social feminino também pode ser verificado nos poemas de amor, sendo mais visíveis àqueles relacionados à mulher. Um bom exemplo deste ideal comportamental se refere ao primeiro poema do papiro Chester Beatty I, onde podemos observar qual era o perfil de educação dado à mulher no Antigo Egito, tendo em vista que o poeta elogia o comportamento amoroso de sua amada ao andar e ao falar: *"Brilha radiosa e sua pele resplandece, sedutor é o fitar de seu olhar, doce a palavra de seus lábios, seu falar é (sempre) contido (...) as pernas proclamam sua perfeição, graciosa é seu porte ao andar no chão"*. Neste mesmo poema podemos verificar o ideal de estética feminina: *"Longo é seu pescoço, brilhantes são seus mamilos, seu cabelo é verdadeiro lápis-lazúli (pedra semi-preciosa), mais belo que ouro são os seus braços e seus dedos como lótus a desabrocharem. De coxas duras e cintura fina"*. A iconografia e textos também revelam o ideal de estética e beleza seguidas pelas mulheres e apreciadas pelos homens, neste contexto ressaltamos a contribuição de Luís Manuel de Araújo:

“A vida das damas era pautada pelos prazeres da vida: o banho perfumado, depois as massagens com aplicações de óleos aromáticos e unguentos, a cuidada pintura do rosto com várias cores para faces e os lábios. Particular atenção era dada à pintura dos olhos de cuja força era apelativa nos falamos textos líricos, merecendo o embelezamento dos pés e das mãos toda e destreza e capacidade de pedicuras e manicuras. Tudo se rematava com uma vistosa cabeleira...com variadas jóias...” (ARAÚJO, 1990, p. 50).

SEDUÇÃO E MAGIA

Cabe ressaltar que o conjunto literário conhecido como *poemas de amor*, se desenvolveu no período do Reino novo em 1070 a.C. Foram encontrados na região de Tebas e Deir El-Medina na forma de três papiros e um Ostraco². Os papiros são Chester Beatty I, da 20ª dinastia que contém três poemas, Harris 500 da 19ª dinastia com 19 poemas e o papiro de Turim da 20ª dinastia com três poemas, já o Ostraco do Cairo da 19ª e 20ª dinastia, contém 14 peças e foi encontrado em Deir el- Medina.

Os poemas também revelam parte da vida do cotidiano do egípcio e a relação dos enamorados com a família e as formas e elementos de sedução tais como:

²Pedaço de calcário usado como rascunho para os escribas.



vestimentas femininas translúcidas elaboradas a partir de um linho de boa qualidade, além dos tradicionais “vestidos rede” que no mundo moderno podemos comparar com os vestidos de crochê utilizados como “saída de praia”. Outro elemento fundamental adotado pelos egípcios são as elaboradas perucas que simbolizavam status social para os homens e, sobretudo, elemento de sedução para as mulheres.

Neste contexto é possível depreender como os atributos femininos eram usados na conquista amorosa. A sedução dos cabelos é mencionada no papiro Harris 500, no terceiro poema, no qual o homem expressa o reflexo da sedução do cabelo de sua amada: *"Meus olhos vêem no seu cabelo uma isca e fico preso na armadilha"*. Já no terceiro poema do Óstraco do Cairo, a amada descreve a *felicidade em exhibir sua beleza para seu amado, retratando detalhadamente o seu penteado: "Como é bom ir ao (rio), banhar-me diante a ti./ Deixo-te (veres) minha beleza (...) com meus cabelos trançados em dobras como juncos."*

Mas a beleza não era o único instrumento para atrair o ser amado, os encantamentos mágicos dirigidos à deusa Hathor, desempenhavam forte influência na vida dos apaixonados, a magia tinham como objetivo atrair a mulher ou o homem amado. Como exemplo, citamos o fragmento de cerâmica da 20ª dinastia que se refere a uma poção de “amarração para o amor” em que o pedinte ao praticar a magia saudava os deuses e ao mesmo tempo ameaçava-os caso seu pedido não fosse atendido: *"Saúdo a ti O Ra-Harakhty, Pais dos Deuses! Saúdo a ti O "Sete Hathors"(...) Venham [façam] [fulana] filha de siclano vir atrás de mim, como um cervo atrás da grama (...) Se vocês não fizerem ela vir atrás de mim, então eu colocarei fogo em Busiris (cidade) e queimarei [Osiris]"*. Também existiam magias que parecem ter favorecido as mulheres ciumentas. No papiro Ebers, por exemplo, encontramos uma provável vingança contra os atrativos da pretendente de seu amado: *"Para fazer o cabelo da rival cair todo – ungir sua cabeça com folhas queimadas de lótus fervidas em óleo ben."*

Os apaixonados poderiam invocar a deusa Hathor (em egípcio, Hwt-Hr) para fins amorosos. Ela era representada por uma mulher com cabeça e orelhas de vaca, ou com dois chifres e um sol entre eles. Os cabelos cacheados simbolizavam o lado sedutor da divindade. A deusa Hathor possuía atributos ligados ao prazer, tais como: A beleza, a dança, felicidade, embriaguez, poder sexual, perfume, amor entre homem e mulher, e

regeneração. É comum aparecer na iconografia desta deusa, o sistro (um tipo de chocalho), o espelho, a flor de lótus e instrumentos musicais.



Deusa Hathor (à esquerda) conduzindo a rainha Nefertari em ritual funerário – Tumba da rainha Nefertari no Vale das Rainhas.

AMOR E CASAMENTO

Não se sabe ao certo a idade apropriada para o casamento dos egípcios, mas as instruções de Any revelam que os rapazes eram incentivados a desposarem de mulheres jovens, possivelmente na flor da puberdade entre 12 a 14 anos de idade.

“Toma uma esposa enquanto és jovem
Para que ela possa te dar filhos” (STROUHAL, 2007, p. 51).

Infelizmente não chegou até nós cerimônias de casamentos para que pudéssemos constatar as expressões durante o matrimônio mais poderiam existir contratos nupcias, sabe-se, no entanto que a oficialização do casamento não era sacramentada por ritual



religioso, mas provavelmente por ato social, seguida de festejos entre a família e convidados. De acordo com Teresa Rodrigues os casamentos egípcios:

“Existem desde o séc. VII a.C. documento e contratos de casamento onde definem os direitos da mulher e crianças em caso de divórcio. Tal como a cerimônia, este era um assunto privado, sem qualquer aval religioso. Realizava-se geralmente entre pessoas de idêntico nível social, embora existissem exceções freqüentes com estrangeiros, mesmo entre família real. Súditos e escravos limitava-se a coabitar.” (RODRIGUES, 1990. p. 34).

Nesta conjuntura Pierre Montet, expressa que “parece-nos impossível que a religião tenha sido deixada de fora de um ato tão importante como o casamento” e faz duas suposições a respeito, a primeira consiste na ritualização do casamento egípcio no que alude a religião, uma vez que um homem casado leva consigo sua mulher para peregrinação de Ábidos (centro de culto ao deus Osíris) para que os noivos e talvez junto com os familiares adentrassem no templo do deus da cidade, oferecendo-o um sacrifício na intenção de receber uma benção. Nesta conjuntura podemos analisar que de acordo com o mito de Osíris e Ísis, os noivos buscavam no templo de Ábidos a consagração de um bom casamento, assim como o modelo da figura feminina no mito. A segunda e última suposição alude sobre o cerimonial do casamento, baseando no fato em que os egípcios apreciavam as refeições em família, depois que os noivos tomavam posse de seu domicílio, os convidados iam embora, mas antes de deixá-los sozinhos celebrava-se um dia de festa. (MONTET, 1989, p. 57).

Um possível exemplo da cerimônia de casamento está presente no encosto do trono de Tutankamon, no qual o casal real compartilha apenas um par de sandálias. A imagem abaixo amostra Tutankamon usando uma sandália no pé esquerdo e Anksenamon no pé direito, o que pode indicar a cerimônia da união do casal.



Fonte: NOBLECOURT, Chistiane. *Toutankhamon*. Paris: Pygmalion, 1988; p.29.

Os maridos tinham obrigação de sustentar suas esposas, porém as mulheres além de cuidar dos filhos ajudavam a moer os grãos, assar o pão, destilar a cerveja, cozinhar os alimentos e tecer roupas. Algumas Mulheres também auxiliavam seus esposos no campo, alguns documentos mencionam as mulheres supervisionando restaurantes populares, pequenas lojas, oficina de fiar e de tecedura e até um harém real. Outras mulheres exerceram o papel de cantoras, dançarinas ou musicistas, sem esquecer as mulheres da alegria (termo usado para designar as prostitutas).



Cena de dançarinas e musicistas na tumba de Rekhemire.

Os esposos deveriam zelar e cuidar de suas esposas com respeito e carinho assim expresso às instruções de Ptahotep:

“Ama tua mulher com ardor,
enche seu estomago,
veste suas costas
O unguento é um tônico para seu corpo.
Alegra o seu coração enquanto viveres,
ela é um campo fértil para seu senhor” (ARAÚJO, 2000, p. 252).

Neste sentido nos perguntamos: será que para os egípcios o amor não era levado em consideração no matrimônio? Com análise dos *poemas de amor* é possível compreender as relações sociais no Antigo Egito durante o Reino Novo, a partir das práticas culturais e imaginários sociais construídos. Segundo Amanda Wiedemann os casamentos no Antigo Egito pareciam ser arranjados, levando em consideração que nas sociedades onde existe este hábito, a escolha do esposo é geralmente feita pelos pais que objetivavam maiores vantagens sociais e financeiras para sua prole. (WIEDEMANN, 2007: 134). Para Haydée, a literatura lírica amorosa não pode ser um guia dos costumes



sociais, pois questiona a importância do amor em relação aos aspectos econômicos e sociais na hora da escolha dos parceiros para seus filhos. Para ela os poemas são sem sombra de dúvida um bom passatempo (OLIVEIRA, 2005 :270).

Além da literatura lírica, o amor e o direito de escolha dos parceiros também podem ser verificados na história do Príncipe Predestinado³, no qual a mulher possui um papel mais ativo do que o homem, pois mesmo contra a vontade de seu pai e com o destino trágico de seu amado, ela decide se casar com o príncipe do Egito. Segundo Ciro Cardoso⁴:

"O enredo lembra os contos de fadas (...) como a Bela Adormecida da História de Perrault, o príncipe nasce depois de seus régios pais desejarem por longo tempo (...) e as Hâthors (equivalente as "fadas madrinhas", ou, neste caso, da "fada má") pressagiam à criança recém-nascida estar destinada a morrer tragicamente."

A história não se passa no Egito e sim em Mitanni (reino localizado em parte da Síria e Jordânia) e a mulher que desposa do príncipe Predestinado também não é egípcia, porém é interessante notar que se foi descrito, a história parece ter sido bastante significativa para os egípcios e que é possível comparar o mesmo papel ativo da mulher nos poemas de amor. Essa história também pode demonstrar o ideal de relações amorosas no Antigo Egito.

Outro exemplo que aludi a escolha por amor, pertence ao Amenófis III, que escolheu Tiy como esposa que não tinha sangue real, ao que parece foi um casamento por amor, tendo em vista que o faraó podia escolher uma de suas filhas ou outra mulher de seu harém particular para dar continuidade a linhagem. Neste âmbito Ciro Flamarion ressalta que “para os egípcios, o caráter divino dos reis transmitia-se pelas mulheres: era preciso que o herdeiro fosse filho não só do rei, mas também de uma princesa de sangue real; daí os frequentes casamentos de faraós com suas irmãs e meias-irmãs, e ocasionalmente com suas próprias filhas”. (CARDOSO,1982, p. 62) Assim sendo, podemos presumir que a união de Amenófis III com Tié, foi realizado por amor.

³Papiro Harris 500, verso. Disponível no Museu Britânico. Infelizmente o final do conto se perdeu.

⁴ Texto com comentários e a tradução do Papiro Harris 500 usado no curso de língua egípcia(texto inédito).



Entretanto, Cyril Aldred, alega que Amenófis III casou-se antes de chegar à adolescência. (CYRIL, 1988, p. 146).

No papiro Leyde, N° 371 é possível verificamos uma união feliz, pois este papiro é uma carta de um viúvo destinada a sua esposa falecida que relata sua lealdade e amor:

“Tomei-te por mulher quando era um jovem rapaz. Fiquei contigo. **Depois, conquistei todas as patentes, mas não te abandonei. Não fiz sofrer seu coração...**de cada homem que vinha falar-me de ti, eu não aceitava os conselhos a teu respeito dizendo ao contrário... **Não te escondi nada de meus ganhos** até este dia de minha vida... Meus perfumes, os doces e as roupas, não mandei lavar em outra morada, dizendo ao contrário: “A mulher está aqui!, porque **não queria te magoar...** Quando cheguei a Menfis, pedi dispensa ao faraó, fui ao lugar onde moravas (a tua tumba) e chorei muito com meus homens diante de ti. Ora, vê, passaram-se três anos até agora. Não vou entrar em outra casa...” (MONTET, 1989, pp. 60-61).

A iconografia egípcia referente aos casais parece demonstrar a primazia do matrimônio e da família, pois os esposos apresentam-se de mãos dadas com suas esposas, às mulheres aparecem abraçando seus maridos e cuidando deles, seja ofertando frutos, flores e bebidas, ou quando são representadas passando unguentos no seus esposos. No período do Reino Novo (1550 a 1070) a vida privada foi mais descrita ou representada na arte egípcia, Ankenaton e Nefertiti aparecem se beijando, beijando suas filhas, passeando com a família, Nefertiti é pintada no colo de seu esposo segurando uma de suas filhas. Este cenário nos proporciona presumir que a vida cotidiana dos casais no Antigo Egito era regada de amor, carinho e zelo.

É possível que a idéia de contrato nas relações amorosas no Egito antigo esteja viva no imaginário do homem moderno em consequência das pesquisas sobre a realeza (Faraó e família), que privilegiam as relações contratuais aparentemente sem direito de escolha entre os parceiros. Essas observações desconstruem o imaginário social contemporâneo de um Egito cujas relações amorosas e casamentos eram baseadas somente nos contratos entre famílias — não que esse elemento não existisse —, mas é possível identificar nos *poemas de amor* a liberdade de escolha do parceiro, elementos comportamentais além do controle da vida no imaginário social, que na verdade são condutas sociais. Neste sentido citamos segundo poema do Papiro Chester Beatty I no qual identificamos as partes relacionadas a esta hipótese:



**“Vem a mim, para que contemple tua beleza,
meu pai e minha mãe ficarão encantados,
toda minha família te aclamará em uníssono,
eles te aclamarão, o meu irmão!”** (ARAÚJO, 2000, p. 305)

Neste Trecho a relação de poder é revertida, pois é a mulher que passa a ter o controle de escolhe a respeito de seu parceiro e ainda afirmando que toda a sua família ficariam felizes com a sua decisão. Outrossim, a literatura lírica parece nos revelar a importância da escolha dos enamorados e o seu sentido do amor parente o casamento e que provavelmente o núcleo familiar apoiava a decisão dos apaixonados.

REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS *POEMAS DE AMOR*

Os poemas revelam o cotidiano dos enamorados, os flertes, as aclamações destinadas à deusa do ouro (Hathor), a delicadeza e a riqueza literárias — O que nos revela a importância e o significado desse poema na época. Ao que tudo indica esses poemas foram encomendados por escribas para o consumo de uma elite e outros segmentos sociais. Podemos imaginar que tais poemas eram recitados em festas ou cantados para o público e talvez utilizados nas conquistas amorosas. Apesar de não haver uma referência clara do teatro no Egito podemos pensar que foram dramatizados em espaços públicos ou privados. Porém o interessante é refletir sobre a existência deles e questionar porque foram escritos.

Ao que parece os *poemas de amor* foram compilados por escribas masculinos e talvez tenham até sido produzidos com auxílio de mulheres; podemos também pensar que a tradução dos sentimentos foi baseada através da observação da vida cotidiana de seus familiares ou simplesmente de sua vida privada. Notamos também que, constam mais poemas destinados à fala feminina, o que nos leva a questionar qual era a intenção que motivou o autor ou autora a produzir poemas relacionados aos sentimentos amorosos da mulher. Talvez fosse uma forma de euforizar a figura masculina estabelecendo assim uma relação de poder no qual o homem aparentemente é privilegiado.

Clara Pinto (2003, p. 5) defende a idéia de que “a poesia dos poemas permitem-nos olhar para uma mulher sensível, bela, sedutora e apaixonada”. Segundo Barbara



Lesko os egiptólogos do século XIX e da primeira metade do século XX, negavam a idéia de reconhecer que no Antigo Egito existiam contos copiados e lidos por prazer, ou poesias amorosas que para estes só poderiam ser elementos religiosos. Porém, ela afirma que atualmente este reducionismo é criticado (LESKO,1986, pp. 85-97). Por sua vez, Emanuel Araújo descreve que cada poema é um monólogo feminino e masculino e que dificilmente saberemos se os poemas foram escritos por mulheres, apesar de conter de modo agudo a sensibilidade feminina.

Analisando o primeiro conjunto de poemas do papiro Cherter Beatty I, é possível observar o modelo de educação dada as mulheres nesta sociedade. Pois, o poeta elogia o comportamento de sua amada ao andar e ao falar.

“doce a palavra de seus lábios,
Seu falar é (sempre) contido. (...)
as pernas proclamam sua perfeição.
Graciosa é seu porte ao andar no chão(...)” (ARAÚJO, 2000, p. 304).

Na segunda parte deste mesmo poema observamos que o ideal da beleza feminina estava relacionado com o cuidado da pele, possuir pescoço longo, cintura fina, pernas grossas e mãos delicadas comparada com a flor de lótus. Assim sendo, podemos inferir que a estética apreciada pelos homens é de uma mulher graciosa e jovem.

“Brilha radiosa e sua pele resplandece, (...)
Longo é seu pescoço,
brilhantes são seus mamilos,
e seus dedos como lotos a desabrocharem.
De coxas duras e cintura fina,
as pernas proclamam sua perfeição” (ARAÚJO, 2000, p. 304).

Nesta conjuntura podemos indagar se a literatura lírica no período do Reino Novo continha a menção da vida pós-morte, o que seria normal na visão desta cultura. Respondemos que não, os poemas trazem o sofrimento, as paixões, o desejo, o amor, o flerte, e as aprovações dos enamorados. Neste contexto é possível analisarmos que o



amor desempenha um forte papel na vida do egípcio antigo, a literatura e as práticas mágicas revelam a preocupação em manter a aparência bela e jovem para impressionar seu parceiro, e, é surpreendente notar que nestes momentos descrito nos poemas de amor, a pós-morte não é mencionada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve estudo, foi nossa pretensão tratar de aspectos da condição feminina no Reino Novo, partindo de textos e da iconografia do período estudado. Acreditamos que foi possível demonstrar que o amor, a sedução, o direito de escolha do parceiro e o matrimônio foram significativos para denotar a inserção da mulher nas decisões de sua própria vida, ou seja, não sendo tão passiva como em outras sociedades antigas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade*. Brasília: UnB, 2000.

ARAÚJO, Luís Emanuel. Motivos Erotizantes e Pornô-Concupiscentes: In Lopes, M.H.T., Araújo, L.M., Martins, M.H.(orgs.) *Revista Hathor, estudos de egiptologia*: Lisboa; volume 2; 1990

ARAÚJO, Luís Manuel de. *Estudos Sobre Erotismo no Antigo Egito*. Lisboa, Colibri; 1995.

ALDRED, Cyril. *Akhenaten*. London, Thames and Hudson, 1988, p.146.

BAKOS, Margaret Marchiori, *Fatos e Mitos do antigo Egito*. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion *Sete Olhares sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora UNB, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Príncipe Predestinado*, transliteração e tradução; Rio de Janeiro. Artigo Inédito.

PINTO, Clara da Conceição Melão. *A Mulher e o Amor no Antigo Egito*. Lisboa: Tese, Nova Lisboa, 2003.



RODRIGUES, Teresa. *A população do Antigo Egito*. Revista Hathor, estudos de egiptologia: In Lopes, M.H.T., Araújo, L.M., Martins, M.H.(orgs.) Lisboa; volume 2; 1990.

GRALHA, Julio. *A Mulher na Antiguidade*: In Candido, M. R.(org) Anais da III Jornada de Estudos da Antiguidade Rio de Janeiro. NEA/UERJ/Fábrica do Livro-SENAI: 2006.

KEMP, Barry J. *El Antiguo Egipto: Anatomía de una Civilización*. Barcelona: Crítica, 1992.

LESKO, Barbara S. *True art in ancient Egypt*. In: LESKO, Leonard H. (org.). *Egyptological studies in honor of Richard A. Parker*. Hanover-London: Brown University Press, 1986, pp. 85-97.

LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature. Volume II: The New Kingdom*, Los Angeles: University of California Press, 1976.

LIVERANI, Mario. *El Antiguo Oriente: Historia, Sociedad y Economía*. Barcelona: Crítica, 1995

MONTET, Pierre. *O Egito no Tempo de Ramsés*. São Paulo: Companhia das Letras: Circulo dos livros, 1989.

OLIVEIRA, Haydée. *Mãe, filha, esposa e irmã. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no Antigo Egito durante a XIX dinastia*. Tese de doutorado, UFF Niterói; 2005.

PINCH, Geraldine. *Magic in Ancient Egypt*. Austin: Universidade do Texas, 1994.

POSENER, G. literatura. In : Harris , J.R. (org) *O legado do Egito*. Rio de Janeiro; Imago, 1993.

ROBINS, Gay. *The Art of Ancient Egypt*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press 1997.

WIEDEMANN, Amanda B. *Gênero e Mulher no Antigo Egito*. Niterói: UFF, tese de doutorado, 2007. p 239.

WILKINSON, Richard H. *Symbol & Magic in Egyptian Art*. London: Thames & Hudson, 1994.